

APRESENTAÇÃO

ENTRE VOZES QUE GRITAM E A FLORESTA QUE SE LEVANTA: ENSINO, LINGUAGEM E FORMAÇÃO NA AMAZÔNIA

MARCOS ANDRÉ DANTAS DA CUNHA¹

MÁRCIA CRISTINA GRECO OHUSCHI²

ROBERT LEANDRO SILVA FREITAS³

FREDERICO GARCIA FERNANDES⁴

DIRCEL APARECIDA KAILER⁵

ENSINO, LINGUAGEM E FORMAÇÃO NA AMAZÔNIA

A coletânea de artigos reunida neste número se ergue do chão úmido da floresta, do fluir dos rios e da resistência silenciosa de seus povos. Reunimos aqui um coro de vozes constituinte de um painel complexo e vital sobre as múltiplas Amazôncias que coexistem, resistem e ensinam. Esta publicação começou a ser pensada a partir de um encontro com pesquisadores viabilizado pela proposição do Congresso Pan-Amazônico dos Professores de Língua, Linguagem e Literatura da Educação Básica (Climaz). O evento tratou de questões que relacionam diretamente o tema ambiental e o compromisso com a preservação da vida, acreditando-se ser indispensável, nessa relação, mobilizar a perspectiva da educação. Afinal, a educação deve/pode possibilitar a compreensão de que práticas de ensino, literatura e poéticas da voz se constituem no meio ambiente?

Como os habitantes, ou não, do complexo territorial chamado Amazônia, colocam-se como enunciadores da responsabilidade climática? Quando tratamos de responsabilidade climática, pensamos para além de dizeres retóricos, numa prática discursiva que compromete as pessoas em uma causa, pois para além do dizer, o fazer se faz condicionante de um dizer: um dizer que deve provocar o debate social de forma efetiva e urgente.

Na relação com o outro, o ser humano se produz sujeito. O sujeito se constitui pelas construções materializadas na linguagem. Na vida social, os seres humanos se posicionam numa relação temporal e espacial. Desta forma, quais espaços temos nessa temporalidade presente,

¹ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – Campus de Araraquara. E-mail: madc@unesp.br; ORCID: 0009-0006-3923-616X.

² Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: marciaohuschi@yahoo.com.br; ORCID: 0000-0001-8292-9806.

³ Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – Campus de Araraquara. E-mail: robert.freitas@unesp.br; ORCID: 0009-0003-1947-7626.

⁴ Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Professor do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: fredma@uel.br; ORCID: 0000-0001-7852-9519.

⁵ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Campus de Araraquara; Professora do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: dikailer@uel.br; ORCID: 0000-0002-4387-2066.

atravessada e constituída por um passado que cada vez mais se faz incômodo? Por diferentes perspectivas, o homem foi se constituindo como sujeito, produzindo sua relação com o espaço.

Motivados por um tempo que clama uma posição e, assim, uma ou mais constituições do sujeito relativo à sua relação com o espaço, e mais especificamente com o clima, maturamos a necessidade de fazer um chamado para que pesquisadores de diferentes áreas debatessem temas voltados à reflexão sobre a responsabilidade climática, tanto no campo do ensino, quanto no literário e dos saberes tradicionais. Assim, este número da *Boitatá* foi gestado com base num movimento fomentador de algo que não se delimitasse pela pontualidade acadêmica, mas que se expandisse em ações para além da academia, para além de reflexões teóricas, desdobrando-se numa metodologia do cotidiano, das escolas e da sociedade.

Surge, então, um movimento, não pelo ajuste aos dizeres estabelecidos, nem pela acomodação ao que se coloca como naturalizado, mas que se processa pelo questionamento de uma ordem historicamente presente. Sobre isso, destacamos a importância do diálogo com a crítica do poder, do filósofo francês Michel Foucault, e com o pensamento decolonial, representado nas ideias do semiólogo argentino Walter Mignolo:

[...] como Foucault, Mignolo também dedicou um tempo considerável analisando o conhecimento em sua relação com o poder e apresentando estudos de caso de poderes/saberes em busca de hegemonia que surgiram no contexto do colonialismo europeu. Para Mignolo, os efeitos epistêmicos do colonialismo estão entre seus mais prejudiciais, de longo alcance e menos compreendidos. Também como Foucault, o projeto crítico de Mignolo produziu novas formulações conceituais na tentativa de explicar e descrever práticas de conhecimento colonial e resistência epistêmica anticolonial (Alcoff, 2017, p. 3).

O debate trazido por Foucault (2021) em torno da relação entre saberes e poderes, questionando os lugares hegemônicos que tendem a anular a diferença, a centralizar um modo de conhecer e de estar no mundo, aponta para um alinhamento do que traz Mignolo (2017) acerca dos saberes subalternizados no processo de colonização. Nesse processo, a ordem de saber e de viver, do conhecer e do praticar delineou-se numa cisão entre corpo e mente, entre humanidade e natureza, esta, colocada reduzidamente como uma sobra, como um meio de acumulação e soma de posse de um ser humano cada vez mais incompleto e submetido à ordem do consumo.

Tais pensamentos desaguam nas ideias de um dos ativistas da educação intercultural, o educador e filósofo Gersem Baniwa, para quem:

Compreender e alinhar-se à natureza de acordo com a sua dinâmica, racionalidade, lógicas e limitações e beneficiando-se de suas forças e potencialidades naturais e sobrenaturais sempre muito generosas, mas também muito justa, é função educativa primordial. Mas para alcançar a sabedoria e a sensibilidade humana é necessário ouvir, observar, compreender suas mensagens (Baniwa, 2019, p. 5).

Mais do que uma escola do compreender, propõe-se, a partir de uma cosmogonia indígena, uma escola que se pauta no alinhar-se, no posicionar-se, sentindo os sinais da natureza. Na sociedade tecnológica, nossos sentidos são levados a um deslocamento: os ouvidos são retirados da escuta, o observar é atravessado e mesmo interditado por valores e, assim, a compreensão se faz reduzida. Em sua sistemática implicação do dia a dia, a escola se faz um braço efetivo da ordem estabelecida.

CLIMAZ: CULTURAS EM MOVIMENTO

Conforme já foi mencionado, o presente número foi motivado a partir dos movimento Cllimaz que reuniu intelectuais (durante os eventos 1º Cllimaz e 2º Letrasvivaz) comprometidos com as questões ambientais e a educação, em uma perspectiva de engajamento e transformação da realidade. Esses eventos têm como dinâmica o engajamento de agentes da educação básica em ação formativa de saberes com profissionais da educação superior, mais especificamente, com sujeitos representativos da pesquisa da educação profissional em linguagens, considerando-se, de modo realçado, os espaços amazônicos.

Tendo como foco principal o debate sobre o meio ambiente, adotando-se algo que poderia ser caracterizado como fenômeno que fundiria o espaço e o tempo, esses eventos alicerçaram-se em Grupos Temáticos, Grupos de Recursos e Grupos Propositivos. Os primeiros contemplaram o debate em torno da formação em Letras, discutindo temas transversais que delimitam a formação em linguagem, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação. Em sintonia com a pós-graduação, especialmente o PROFLETRAS, que se dedica à educação básica em linguagem, houve também o Grupo de Recursos e Produtos Educacionais.

Este grupo, coordenado por professores mestres, egressos do PROFLETRAS e atuantes na Educação Básica, colocou em foco as interfaces do ensino com diferentes eixos: linguagens visual, sonora e verbal; cenários inclusivos; descrição linguística; formação de professores; estudos do discurso; estudos literários e de arte; literatura, memória e ensino; práticas de linguagem com os espaços habitados; sociolinguística educacional.

De caráter transversal e interdisciplinar, os Grupos Propositivos voltados para temas climáticos contaram com a participação de professores de diferentes instituições e regiões, posicionando-se em defesa da (Pan)Amazônia. Os participantes desses grupos centraram-se em questões de grande relevância para a pesquisa e para a educação em língua(gem) e literaturas na (Pan)Amazônia, mobilizando reflexões que dialogaram com os desafios sociais, culturais e ambientais da região. Entre as temáticas abordadas, destacam-se: preservação amazônica; educação ambiental; educação indígena; quilombola; heterogeneidade étnica e cultural; diferenças regionais brasileiras; educação do campo, das águas e das florestas na (Pan)Amazônia, além do ensino da linguagem e literatura junto aos movimentos sociais urbanos, periurbanos e rurais, as quais permeiam este dossier da *Boitatá*.

A atuação dos Grupos Propositivos contemplou tanto a troca de experiências pedagógicas quanto a proposição de políticas de ensino orientadas para a sustentabilidade e para a ecologia, valorizando a inclusão social, étnica, cultural, artística e escolar, além de fomentar iniciativas que enfrentem as diferenças regionais. Tais temas são retomados no presente número da *Boitatá*, que fortalece o compromisso de disseminar reflexões a respeito da formação educativa humanizada e transformadora, englobando ensino, pesquisa e extensão em educação, linguagem e literaturas nas universidades e escolas públicas, com o propósito de contribuir para um projeto de desenvolvimento sustentável, consoante ao movimento Cllimaz. Nesse cronótopo, tanto o tempo quanto o espaço se fazem numa reflexão da efetiva interação dos sujeitos que modificam o espaço e são modificados pelo tempo. Tal relação de modificação se dará pautada no modo como essas pessoas se percebem no mundo e como concebem sua relação com o espaço. Pela transformação dos espaços, caracterizam-se as culturas humanas, também se fazem as culturas pela maneira como uma predominância de espaço natural se constitui na diversidade de regiões que formam o planeta.

O DOSSIÊ E SUAS TESSITURAS

Nesta edição da revista *Boitatá*, reunimos contribuições de pesquisadores que refletem sobre alguns dos modelos de educação propostos pelo movimento Cllimaz. Enquanto uma coletânea de artigos, o número em questão reúne artigos que compartilham uma temática comum, realçando uma perspectiva interdisciplinar, envolvendo o meio ambiente (com foco na responsabilidade climática), os estudos da linguagem (de modo a contribuir com o debate em torno das humanidades e também de áreas das ciências naturais) e a educação (neste caso, ao tratar das implicações entre a educação superior e a educação básica, em um movimento de reflexão e investigação comprometidos com a realidade).

O dossiê “Entre vozes que gritam e a floresta que se levanta: ensino, linguagem e formação na Amazônia”, inicia-se com o artigo “O conto ‘A pele nova da mulher velha’ de Daniel Munduruku e sua importância para a formação de leitores literários”. Nele, Lanna Fonsêca de Araújo Oliveira e Sylvia Maria Trusen refletem sobre o letramento literário por meio da literatura indígena de Daniel Munduruku. Apesar de leis que a incentivam, o conto de Munduruku ainda é pouco disseminado no meio escolar. A pesquisa realizada pelas autoras defende a relevância das narrativas desse escritor para a formação de leitores, pois promovem a reflexão, o conhecimento sobre outras culturas e apelam para a transformação humanizadora na percepção de mundo.

Na sequência, este número traz o artigo “A Flecha do Capitalismo: A Ecologia Decolonial em *A Queda do Céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert”, de autoria de Thiago Felício. O autor propõe uma reflexão sobre a ecologia decolonial, conceito de Malcom Ferdinand, a partir do testemunho de Davi Kopenawa em *A Queda do Céu*. Fortemente sintonizado com as perspectivas climáticas, Felício analisa a crítica yanomami à devastação ocidental, privilegiando vozes indígenas para decolonizar a percepção da terra, à medida que dialoga com pensadores como Dussel, Guattari e Mbembe.

O terceiro artigo “Currículos e práticas na Amazônia: um olhar sobre a sexualidade no contexto escolar” analisa como o tabu linguístico sobre sexualidade se manifesta nos currículos e práticas discursivas em escolas da Amazônia. Kattia de Jesus Amin Athayde Figueiredo, Nelma do Socorro Santana Queiroz e Robert Leandro Silva Freitas, que dão a autoria para esse trabalho, investigam as relações de saber-poder que moldam identidades e subjetividades, com base no pensamento crítico de Pierre Bourdieu e Michel Foucault. Por meio de uma análise discursiva, os autores demonstram que o currículo, ao abordar a sexualidade, mobiliza mecanismos de força que rejeitam e polemizam práticas contra-hegemônicas, ilustrando a complexa dinâmica do tripé saber-poder-resistência no ambiente escolar.

Em “Ensinos e saberes das linguagens nas Amazôncias: entre vozes que gritam e a floresta que se levanta”, Marcos André Dantas da Cunha, Kattia de Jesus Amin Athayde Figueiredo e Carmen Lúcia Reis Rodrigues tratam do ensino de linguagens como ponte entre as culturas e saberes amazônicos. A partir de uma pesquisa aplicada, em que grupos de estudo debateram, em rodas de conversa, temas como educação escolar indígena e campo, águas e florestas, os participantes trouxeram para o centro do debate o tema das mudanças climáticas e da exploração predatória da Amazônia, a ser tratada nos currículos. O relato dessa prática concluiu pela urgência de políticas públicas educacionais que promovam a preservação ambiental e o reconhecimento das identidades amazônidas.

O artigo “Gersem Baniwa e a educação na Amazônia: saberes ancestrais para um caminho de resistência”, de Vanja da Cunha Bezerra e João Colares da Mota Neto, segue uma linha semelhante, ao trazer para o centro do debate a educação na Amazônia a partir do pensamento do líder indígena Gersem Baniwa. Nele, Bezerra e Mota Neto criticam a educação ocidental colonial eurocêntrica, que silenciou as epistemologias indígenas. Com base em suas pesquisas, os autores entendem que Baniwa propõe uma educação baseada numa “ontologia viva”, integrando ser humano, natureza, saber e espiritualidade. Nesse sentido, eles defendem um projeto pedagógico de pluralidade epistêmica, justiça territorial e fortalecimento das identidades indígenas, humanizando a natureza e naturalizando a humanidade como resistência à lógica colonial e “ecocida” da modernidade.

Em ““A ferida aberta era um silêncio todo meu, dor sem parceria”: posicionamentos axiológicos antirracistas no projeto de dizer do conto ‘Metamorfose’, de Geni Guimarães”, o contexto escolar amazônico foi tratado a partir do conto da escritora, professora e ativista Geni Guimarães, com foco no racismo vivido por uma personagem no ambiente escolar. Com base no dialogismo do Círculo de Bakhtin, o estudo, apresentado por Ana Paula Oliveira da Silva e Márcia Cristina Greco Ohuschi, examina a dimensão social e os recursos verbo-visuais da obra. O objetivo foi compreender como os contextos histórico-sociais influenciam a escrita e como os elementos linguísticos revelam valores antirracistas. A análise demonstra que o conto busca uma metamorfose que transcende a conscientização individual, promovendo a transformação social e a construção de valores antirracistas.

“Las leyes de la selva y la defensa de los bosques amazónicos: una reflexión en torno a la pedagogía ancestral del mito Curupira (Brasil)/Chullachaqui (Perú)”, de Gracineia dos Santos Araújo e José Manuyama Ahuite, defende a urgência da luta pela Amazônia, denunciando seu ritmo acelerado de devastação. A reflexão central gira em torno do mito do Curupira/Chullachaqui, apresentado como uma “lei da selva” e guardião da floresta. A partir de uma perspectiva contracolonial, o trabalho propõe a “educação piracêmica”: a incorporação de saberes ancestrais, como a literatura oral, na prática docente. O foco desse texto é contribuir para debates que valorizem conhecimentos tradicionais, tomando-os como fundamentais para a defesa da vida no planeta.

“Da Recuperação à Reinserção: elementos axiológicos do Círculo de Bakhtin na mudança terminológica das unidades prisionais do Pará”, de Luís de Nazaré Viana Valente, analisa, pela perspectiva axiológica do Círculo de Bakhtin, a alteração no nome da penitenciária de Cametá (PA) de “Centro de Recuperação” para “Unidade de Custódia e Reinserção”. Através de uma abordagem pautada na Análise do Discurso, cujas fontes se compuseram de documentos e reportagens, o estudo demonstra que a nova terminologia não é neutra, mas uma estratégia ideológica do Estado para reconstruir a imagem do sistema prisional. O artigo concluiu que a linguagem oficial buscou camouflar problemas reais, como a superlotação, criando uma nova percepção social sobre o cárcere.

O artigo “Pedagogia decolonial em uma unidade socioeducativa: desafios e práticas na Amazônia brasileira” volta-se para uma reflexão sobre produções acadêmicas que investigam, através de distintas teorias – como o Círculo de Bakhtin, estudos decoloniais e foucaultianos –, questões sociais e educacionais na Amazônia. Os estudos focam em temas como racismo, sistema prisional, ecologia, sexualidade e o valor de epistemologias indígenas e tradicionais. As ideias, trazidas pelas autoras Monica Silva da Silva Araujo e Isabel Cristina França dos Santos, contribuem com uma crítica às estruturas hegemônicas

e promovem, por meio da educação e da linguagem, práticas pedagógicas e sociais mais reflexivas, plurais e transformadoras.

Em “‘Bíblia, Boi, Bala’: de uma Amazônia vazia e delirante”, Carlos Eduardo da Silva se debruça sobre performances e filmes acreanos para discutir a persistência do imaginário colonial na Amazônia. A partir do curta *Correria*, o autor examina como dogmas religiosos justificaram o genocídio indígena, criando um “delírio devoto” que impulsiona a colonização. O texto avança para o longa *A vida sem vida, sem morte, sem nada*, explorando a lógica ecocida que transforma floresta em pasto, resultando na “terra morredoura”. Contrapõe a essa visão a memória de uma “terra sem mortes”, que permite reconstruir modos de existência através das múltiplas formas de habitar o mundo.

Finalizando este número, está o artigo “Rebentaçāo de ruídos, palavras e gestos: notas para possibilidades outras de compreensão da linguagem nos pluriversos amazônicos”, que reflete sobre os deslocamentos epistemológicos provocados pelo verbete “Pororoca — e seus arredores”, do professor de semiótica José Amálio Pinheiro. Nele, as autoras Bruna Wagner e Juliana Feitosa Albuquerque, apoiando-se em pensadores das culturas amazônicas e indígenas, concebem a linguagem não como um sistema estável, mas como corpo, travessia e experiência. A pororoca surge como metáfora central, representando uma ética da palavra em constante transformação, que prioriza uma escuta radical do Outro. Elas defendem, dessa maneira, uma abertura ao sensível e à pluralidade de mundos, em que o ouvir é mais crucial do que o definir.

Melhor delimitando, este número da *Boitatá* trouxe a possibilidade de trabalharmos um dossiê, com onze artigos reunidos, que têm como motivação a temática do meio ambiente no contexto amazônico. Afinal, o que é a Amazônia e quem diz a Amazônia? Quais os sujeitos que vivem e convivem com a urbanidade e a interioridade amazônica? Quais os sujeitos que constituem e se fazem constituídos na academia amazônica?

ENTRE O FIM E O RECOMEÇO: É URGENTE ESTARMOS ATENTOS ÀS VOZES QUE GRITAM E À FLORESTA QUE SE LEVANTA

Na história do planeta Terra, o ser humano produziu modos de intervenção no espaço, maneiras de circunstancializar o tempo. Esses modos se referem às formas pelas quais os saberes sobre o mundo e sobre o outro hierarquizam as relações. O espaço e o tempo se constituem não apenas como externalidade aos seres humanos, mas como maneiras de subjetivações que se materializam em dizeres enunciados em linguagens. Quem diz inaugura modos de poder dizer o mundo, modos de dizer que muitas vezes forjam uma realidade não correspondente à experiência vivida. Isso ocorre, por exemplo, com a ciência acadêmica ocidental que, segundo Baniwa (2019, p.3):

[...] divide e opõe índio e branco, homem e mundo, sociedade e natureza, corpo e espírito, bem e mal, rico e pobre, gordo e magro, conhecimento tradicional ou popular e conhecimento científico e assim por diante. É necessário a gente entender bem esse tipo de pensamento e, principalmente, ter muito cuidado para não acreditar nele como verdade absoluta. Os conhecimentos e pensamentos indígenas são muito diferentes e não se baseiam nesse dualismo por oposição.

Para além do dualismo que encapsula os sujeitos e tudo que se constitui no mundo, valorando e determinando centralidades e instaurando subserviência onde há diferenças,

buscamos, a partir desta coletânea, realçar uma perspectiva educativa que aponte para uma inversão de percurso pela qual “os modos de pensar e viver dos indígenas baseados fundamentalmente na organicidade, interdependência e holismo da natureza e do mundo como um todo” (Baniwa, 2019, p. 3) possam figurar como uma episteme do sensível, contribuindo para novas práticas de ensino-aprendizagem.

Há uma agenda mundial que institui o debate e as enunciações pautando aquilo que pode ser considerado politicamente correto, trazendo propagandas de uma fala oficialmente esperada por quem está à frente das decisões de poder no mundo. Nesse contexto, temos a Conferência Mundial do Clima, promovida pela Organização das Nações Unidas. O clima do planeta revela-se desordenado, consequência de um excesso de exploração da natureza, tomada como mero recurso para a produção de acúmulos de uma sociedade roteirizada pelos excessos, pelas necessidades infindáveis de transformar o meio ambiente em meio de acúmulo de riqueza e possibilidade de exploração.

Esperamos que o dossiê temático da *Boitatá* convide seus leitores a se sensibilizarem para o alerta profético da floresta e a pensarem sobre uma ecologia decolonial, que denuncia a flecha do capitalismo e propõe novos modos de habitar o planeta.

SEÇÃO LIVRE

Além dos artigos que dialogam diretamente com a temática do dossiê, neste número também foram publicados três artigos na sessão livre. O primeiro, “A trajetória do estágio supervisionado: um olhar sobre a intervenção didática em língua portuguesa”, de autoria de Ana Vitória Dias Lima e Ana Cleide Vieira Gomes Guimbal de Aquino, apresenta um relato sobre a experiência no Estágio Supervisionado no curso de licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Pará. Nesse artigo, por meio de uma metodologia qualitativa, que valoriza o relato de experiência, as autoras formulam uma intervenção pedagógica, de modo a promover a leitura e a produção de texto. Elas reforçam a importância da mediação pedagógica e do planajamento didático como elementos essenciais para a docência.

Em “Projeto de letramento: ressignificando as práticas de leitura e escrita no 9º ano”, Yara Suelen Dantas da Silva e Tatiane Castro dos Santos tratam das implicações de projetos de letramento para o desenvolvimento e consolidação de habilidades escritas. Fundamentado em teorias culturalistas e de letramento, o artigo encontra-se voltado para experiências de uma comunidade ribeirinha, refletindo sobre a ressignificação de práticas de leitura e escrita, no contexto social dos alunos.

Finalizando esta edição, encontra-se o artigo “Pronome sujeito + verbo no gerúndio nos posts do Instagram”, assinado por Raquel Rosa Araujo De Medeiros e Antonia Fernanda de Souza Nogueira. Com base na análise de sete publicações no *feed*, que revelam aspectos multimodais, as autoras discutem como as construções de gerúndio vêm se tornando frequentes na língua portuguesa, tanto na modalidade oral como escrita. Com base nisso, elas propõem uma classificação dos usos do gerúndio em língua portuguesa.

Desejamos a todos e todas uma ótima leitura!

REFERÊNCIAS

- ALCOFF, Linda Martín. A epistemologia da colonialidade de Mignolo. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 33-59, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/786>. Acesso em 5 nov. 2025.
- BANIWA, Gersem. Educação para manejo do mundo. **Revista Articulando e Construindo Saberes**, Goiânia, v. 4, p. 1-17, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5216/racs.v4i0.59074>. Acesso em 6 nov. 2025.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17666/329402/2017>. Acesso em 7 nov. 2025.